



DO SOLO À CIDADE: A CONEXÃO ENTRE ECOFEMINISMO E PAISAGEM NO PLANEJAMENTO URBANO

Isadora Scopel Simon

Universidade Federal do Rio de Janeiro | Isadora.simon@fau.ufrj.br | isadora@translaburb.cc

Sessão Temática XI: Espaço e diferenças: gênero, raça, etnia e diversidade

Resumo:

O presente trabalho integra uma pesquisa de dissertação de mestrado, que busca entender como ocorre o encontro entre os ecofeminismos e o campo da paisagem. O artigo se desenvolve em quatro seções, começando por contextualizar os ecofeminismos, as crises multidimensionais, (Kois & Morán, 2016) resultado da fictícia independência das cidades em relação à Natureza. Para a partir disso, observar a produção de cidades utilizando as lentes feministas e desvendar de onde a arquitetura da paisagem parte para remediar a degradação da natureza nas cidades. Este trabalho recorre para o marco teórico dos ecofeminismos às autoras Alicia Puleo, Mary Mellor e Yayo Herrero, que são referências essenciais no tema. Na arquitetura da paisagem introduz referências como Anne Whiston Spirn, a fim de mostrar a relevância das contribuições femininas na arquitetura da paisagem em contraste à realidade de um campo com referências predominantemente masculinas.

Palavras-chave: urbanismo, ecofeminismos, natureza, arquitetura da paisagem.

FROM SOIL TO CITY: THE CONNECTION BETWEEN ECOFEMINISM AND LANDSCAPE IN URBAN PLANNING

Abstract: *This work is part of a master's thesis research that seeks to understand how the meeting between ecofeminism and the field of landscape occurs. The article is structured into four sections, beginning with a contextualization of ecofeminism and the multidimensional crises (Kois & Morán, 2016) resulting from the fictitious independence of cities from Nature. From this perspective, it examines the production of cities through feminist lenses and explores how landscape architecture seeks to address the degradation of nature in urban areas. The theoretical framework for ecofeminism draws on authors such as Alicia Puleo, Mary Mellor, and Yayo Herrero, who are essential references on the subject. In the field of landscape architecture, it introduces references such as Anne Whiston Spirn, aiming to highlight the relevance of women's contributions to landscape architecture in contrast to the reality of a field predominantly influenced by male references.*

Keywords: *Urbanism, ecofeminisms, nature, landscape architecture.*

DEL SUELO A LA CIUDAD: LA CONEXIÓN ENTRE ECOFEMINISMO Y PAISAJE EN EL PLANEAMIENTO URBANO

Resumen: *El presente trabajo forma parte de una investigación de tesis de maestría, que busca comprender cómo se produce el encuentro entre los ecofeminismos y el campo del paisaje. El artículo se desarrolla en cuatro secciones, comenzando por contextualizar los ecofeminismos, las crisis multidimensionales (Kois & Morán, 2016), resultado de la ficticia independencia de las ciudades en relación con la Naturaleza. A partir de ello, se observa la producción de ciudades utilizando lentes feministas y se investiga desde dónde parte la arquitectura del paisaje para remediar la degradación de la naturaleza en las ciudades. Este trabajo recurre al marco teórico de los ecofeminismos con autoras como Alicia Puleo, Mary Mellor y Yayo Herrero, que son referencias esenciales en el tema. En cuanto a la arquitectura del paisaje, se introducen referencias como Anne Whiston Spirn, con el objetivo de mostrar la relevancia de las contribuciones femeninas en la arquitectura del paisaje, en contraste con la realidad de un campo con referencias predominantemente masculinas.*

Palabras clave: *urbanismo, ecofeminismos, naturaleza, arquitectura del paisaje.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho integra uma pesquisa de dissertação de mestrado, que busca entender como ocorre o encontro entre os ecofeminismos e o campo da paisagem, como foco este artigo abordará partes dessa pesquisa e a importância de reconhecer as contribuições femininas no campo da arquitetura da paisagem. Além disso, discutirá alguns dos conceitos que os ecofeminismos trazem consigo em contraponto com as abordagens da arquitetura da paisagem, que no olhar e pensar a partir da Natureza indicam suas sinergias.

Os ecofeminismos surgem do encontro entre feminismo e ecologia (Puleo, 2019, p. 146), estes dois movimentos (feminismo e ecologismo) nos proporcionam uma outra forma de ver a realidade cotidiana, revalorizando aspectos, práticas e sujeitos antes considerados inferiores e diferentes. O termo ecofeminismo foi cunhado pela feminista francesa Francoise d'Eaubonne, em 1974, no livro "Le feminisme ou la mort" (Herrero, 2015; Mellor, 2000; Puleo, 2011), d'Eaubonne convocava às mulheres a "administração igualitária de um mundo por nascer", defendendo que o que era necessário era um planeta em gênero feminino (Puleo, 2011).

"As propostas ecofeministas sustentam que a degradação ambiental e a desigualdade de gênero têm origem compartilhada e, portanto, ecologismos que não contemplam a perspectiva de gênero ou feminismos que não incorporem a dimensão ambiental resultarão em teorias incompletas" (Mellor, 2000).

Neste trecho destacado de Mary Mellor por Lucía Delbene, representa a intenção e necessidade de incorporar a perspectiva de gênero ao campo da paisagem, buscando chegar a uma teoria completa.

O artigo se desenvolve em quatro seções e começa por contextualizar os ecofeminismos, como colocado anteriormente, as crises multidimensionais, (Kois & Morán, 2016) resultado da fictícia independência das cidades em relação à Natureza. E a partir disso, discorre sobre a produção de cidades utilizando as lentes feministas para desvendar de onde a arquitetura da paisagem parte para remediar a degradação da natureza nas cidades.

Após essa contextualização o artigo discute resumidamente as convergências e contrapontos entre a arquitetura da paisagem e os ecofeminismos e por fim busca enfatizar a relevância de incorporar os ecofeminismos ao campo da paisagem e o reconhecimento das contribuições femininas que até então vêm sendo invisibilizadas, nesta seção, como se trata de uma etapa que está em desenvolvimento na pesquisa, serão abordados alguns pontos iniciais da investigação.

CONTEXTO

O urbanismo até o momento produziu cidades orientadas ao produtivo, hostis às atividades não vinculadas a essa esfera (Chinchilla, 2020) que foram desenvolvidas baseadas na divisão sexual do trabalho, dividindo as esferas produtivas e reprodutivas e configurado a partir de

dualismos público-privado como exemplificado no diagrama a seguir (Figura 1). Este modelo de cidade e planejamento urbano vem sendo feito com a ideia de crescimento ilimitado, ocasionando essa enorme crise ecológica (Col-lectiu Punt 6, 2019, p. 18, tradução própria).

Figura 1



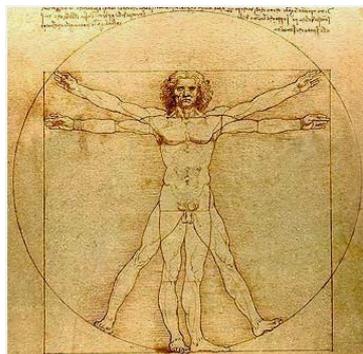
Fonte: Diagrama elaborado pela autora com base no apresentado por Valentina Pineda Mendizábal na aula sobre Ecofeminismos ante la crisis climática y civilizatoria pela Universidad Socioambiental.

Em concordância, Kois e Morán, afirmam que as correntes de planejamento urbano hegemônicas se baseiam em uma fictícia independência das cidades apresentando fragilidades diante da crise multidimensional que nos encontramos que é resultado dessa falsa independência (2016, p. 305).

É importante destacar que esses dualismos são uma herança de pensamento que menosprezam o feminino, baseados no pensamento de Aristóteles e Rousseau, que justificam a discriminação em relação às mulheres com falsas razões naturais (Martínez, 2018, p. 25). Esse pensamento se reflete na construção da arquitetura e do urbanismo como disciplinas, do séc. I a.C. o arquiteto de Julio César, Marco Vitruvius Pollio por meio do seu conhecido "Tratado Da Arquitetura", apresenta uma arquitetura feita de homem para homens, em que as proporções ideais do ser humano masculino eram a base para o desenho dos seus edifícios, tanto foi sua relevância que Leonardo Da Vinci em 1487 desenha o homem de Vitruvius, Figura 2 (Arquitectura historia y construcción, 2014).

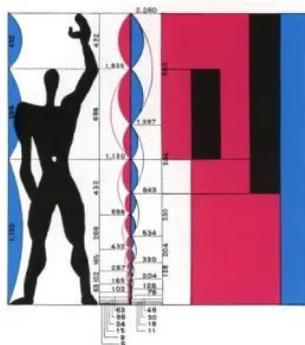
Esse pensamento no qual o homem é a medida da perfeição, se mantém no decorrer da história e se expressa na modernidade, em grandes referências da arquitetura e do urbanismo como o Modulor de Le Corbusier (Figura 3) e o sistema de medidas de Ernest Neufert (Figura 4).

Figura 2 – Homem de Vitruvius, Leonardo Da Vinci 1487.



Fonte: Blog Arquitectura historia y Construcción, 2014.

Figura 3 –Modular Man ilustração de 1955.



Fonte: Dezeen Magazine, 2015.

Figura 4 – Sistema de Medidas Neufert



Fonte: Arte de proyectar en Arquitectura, 1936.

Através dos ecofeminismos essas dicotomias (cidade-campo, produção-reprodução, cultura-natureza, público-privado) que estão enraizadas nos espaços em que acontece nossa vida cotidiana e onde as relações sociais se desenvolvem de forma desigual são questionadas. Essas relações produzem as cidades em que vivemos, reflexo da masculinidade hegemônica e hierárquica e de um modelo de sociedade que vincula qualidade de vida ao consumo e incentiva a produção em favor da acumulação. São cidades polarizadas socialmente, que resultam pouco saudáveis, concebidas como organismos de crescimento contínuo e ilimitado levando a uma enorme crise ecológica.

A crise multidimensional, que se configura na retroalimentação das opressões e crises e se expressa em crise ecológica, social e econômica (Kois & Morán, 2017) reforçada neste texto por diferentes autoras é resultado de um modo de habitar a terra, neste caso, as palavras e as maneiras pelas quais a destruição dos ecossistemas terrestres é descrita não são politicamente neutras, Ferdinand (2022) aponta que o termo "Plantationoceno"¹ é o que se aproxima de traduzir o desenvolvimento do habitar colonial da Terra. O habitar colonial o qual Ferdinand denomina é um modo de habitar a Terra próprio da colonização europeia nas Américas, implementada violentamente e que contribuíram para a situação ecológica, social e política hoje.

Reconhecer o papel da colonização na construção da atualidade é fundamental, assim como as diferentes formas no qual o patriarcado se expressa, que não apresenta as mesmas feições nos diversos lugares do mundo ² (Vergès, 2020, p.18).

Diante disso, se mostram relevantes as lentes ecofeministas para pensar saídas da crise multidimensional em que estamos e apontar caminhos para renaturalizar as cidades. Justamente pelos ecofeminismos se apresentarem como pensamento e práticos comprometidos com a transformação social (Puleo, 2011) reconhecendo a ecod dependência, dando luz as opressões e denunciando a alienação consumista e devastadora da Terra, por isso é um aliado fundamental na atuação na paisagem. Em síntese, no contexto atual de crise civilizatória e socioambiental, o ecofeminismo propõem uma transição de um modelo destrutivo da vida, a um paradigma em que o cuidado da sustentabilidade da vida com justiça social e ambiental esteja no centro (Dafnias, 2021).

ECOFEMINISMOS

Os ecofeminismos surgem do encontro entre feminismo e ecologia (Puleo, 2019, p. 146), esses dois movimentos (feminismo e ecologismo) nos proporcionam uma outra forma de ver a realidade cotidiana, revalorizando aspectos, práticas e sujeitos antes considerados inferiores e diferentes (Puleo, 2011). Assim também, Herrero explica que os ecofeminismos são uma corrente de pensamento e um movimento social que explora os encontros e possíveis sinergias entre ecologismo e feminismo (2015).

Por meio do diagrama abaixo (Figura 5) tive a intenção de esclarecer alguns raciocínios e interconexões.

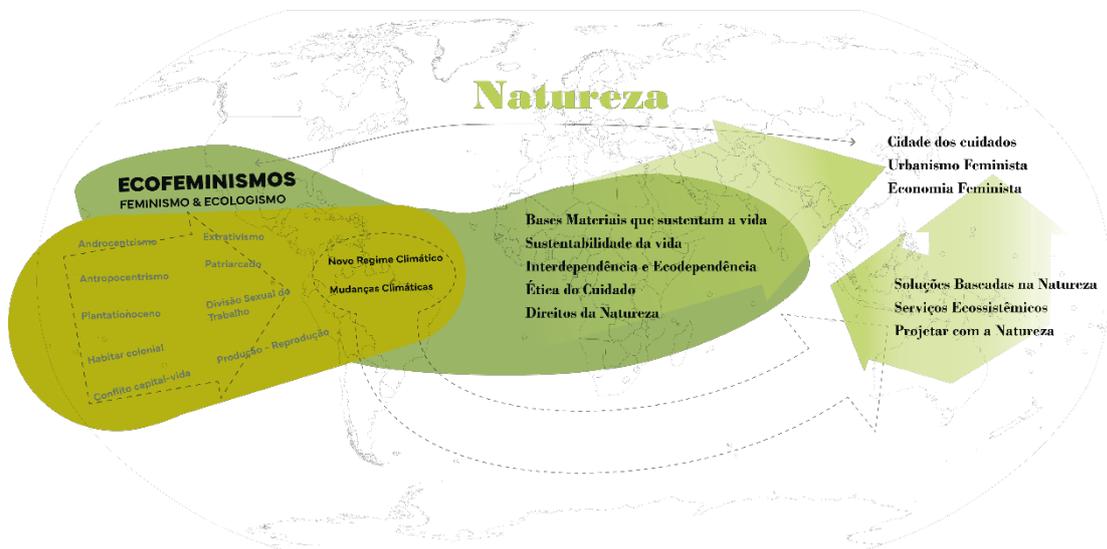


Figura 5

Fonte: Elaborado pela autora

O diagrama tenta mostrar os conceitos que os ecofeminismos discutem e se relacionam, diretamente conectados quando se trata de entender a filosofia ecofeminista, a crítica ao sistema androcêntrico³ e antropocêntrico⁴, que trouxe a humanidade até a crise multidimensional mencionada no texto anteriormente e quais as abordagens, conceitos e filosofia conduz uma postura ecofeminista.

O crédito de cunhar a palavra ecofeminismo se concede à feminista francesa Françoise d'Eaubonne, em 1974, com o livro "Le feminisme ou la mort" (Herrero, 2015; Mellor, 2000; Puleo, 2011).

O surgimento dos ecofeminismos acontece durante a segunda onda feminista na qual se discutia os direitos reprodutivos e a sexualidade, que ocorre entre as décadas de 1960 e 1980. Foi um momento em que aconteciam manifestações pacifistas como as de Greenham Common contra as bases de mísseis da OTAN em Berkshire na Inglaterra, como a luta em defesa ao território do movimento Chipko, que muitas mulheres rurais do Himalaya faziam parte e Vandana Shiva apresentou ao ocidente, o movimento Chipko lutava pela proteção das florestas abraçando as árvores no momento que iam cortá-las, se tornou explicitamente ambientalista e feminista por volta de 1977 (Shiva, 2024; Herrero, 2015; Puleo, 2011). Além disso, como indica Mary Mellor (2000, p. 66), no nascimento dos ecofeminismos, no início dos anos 1970 aconteciam duas crises da modernidade. A primeira em relação à crítica verde do industrialismo ocidental, à crítica do Sul ao imperialismo econômico e o crescimento de campanhas antinucleares, bem como, o progresso econômico, que não permitiu que as mulheres escapassem da "feminilidade", numa visão dos feminismos liberais que possuíam um olhar otimista ao progresso político e social. Na "nova esquerda" inclusive, ainda predominava a postura sexista, para as mulheres da esquerda, os homens lideravam as marchas e o movimento, e esperavam que as camaradas lambessem as cartas e escutassem (Coote y Campbell, 1982 apud Mellor, 2000) o que se observa em alguns movimentos ambientalistas até hoje.



Figura 6
Fonte: Elaborado pela autora

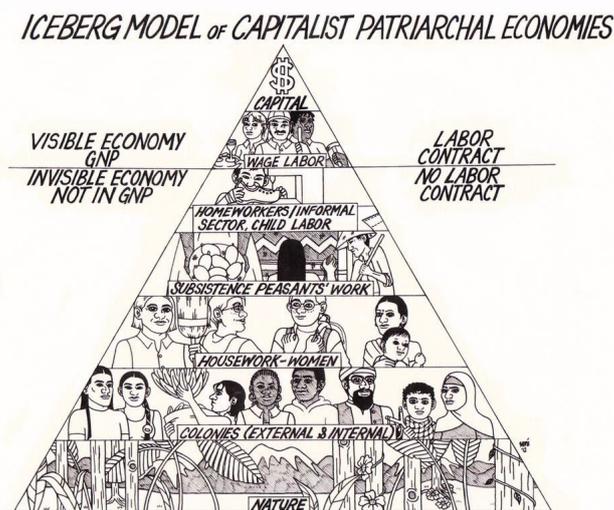
Este foi um contexto breve do surgimento dos ecofeminismos, no qual as autoras Alicia Puleo, Mary Mellor e Yayo Herrero, são referências essenciais (Erro! Fonte de referência não

encontrada.), de modo que estes exemplos não esgotam as contribuições de outras pensadoras desse período para o movimento, à variedade e heterogeneidade das correntes ecofeministas.

Simplificando as correntes de pensamento ecofeministas, pode-se dizer que são duas as principais: a essencialista e a construtivista, a primeira também chamada de clássico compreende que a relação estreita entre a Natureza e as mulheres ocorre pela capacidade das mulheres de parir, do contrário a corrente construtivista entende que essa relação é uma construção social.

Como aponta Herrero (2015), o ecofeminismo construtivista defende que a estreita relação entre mulheres e natureza se trata de uma construção social, atribuindo papéis e funções que se originam da divisão sexual do trabalho, da distribuição do poder e da propriedade nas sociedades patriarcais (Figura 7), que despertam essa consciência ecológica nas mulheres, logo, a abordagem desse trabalho se dá a partir da perspectiva ecofeminista construtivista.

Figura 7 Estrutura da economia patriarcal



Fonte: Ilustração de Hann Alexander Helios

Mies (1998 apud Mellor, 2000) afirma que as mulheres sofrem desproporcionalmente em termos sociais e ecológicos e que existem padrões de exploração baseados no colonialismo, no racismo e na exploração do trabalho. Dessa forma, quando ocorre algum tipo de degradação ambiental, os impactos afetam de maneira diferente homens e mulheres⁵, pois geram o aprofundamento das desigualdades existentes ou causam novas (Delbene, 2019, p. 48). Igualmente, no ano de 2021 o Observatório do Clima lançou um infográfico elaborado pelo Grupo de Trabalho Gênero e Clima que indica que meninas e mulheres, quilombolas, negras, indígenas, da periferia, chefes de família, pobres, transexuais e agricultoras familiares sofrem os impactos das mudanças climáticas de maneira desproporcional (Oliveira, 2021).

De tal modo, Mellor (2000) quando apresenta o marco teórico ecofeminista, alega que ecofeministas assim como as feministas radicais identificam o patriarcado, especialmente o

patriarcado ocidental⁶, como responsável principal pela destruição ecológica global. Apesar disso, mesmo o pensamento ecofeminista apoiando-se no feminismo radical na crítica ao patriarcado, as ecofeministas discordam no reconhecimento de como as relações patriarcais estruturam as relações entre mulheres e o mundo natural⁷.

CONVERGÊNCIAS COM A ARQUITETURA DA PAISAGEM

*“As mulheres responderam: “Viemos ensinar silvicultura a vocês”. Ele respondeu: “Mulheres tolas! Como vocês, que querem impedir o corte das árvores, podem saber o valor da floresta? Vocês sabem o que as florestas produzem? Produzem lucro, resina, madeira”. E as mulheres imediatamente cantaram em coro:
O que as florestas produzem?
Solo, água e ar puro!
Solo, água e ar puro!
Sustentam a Terra e tudo o que ela produz.”
(Shiva, 2024, p. 40)*

Existem diversas convergências entre a paisagem e os ecofeminismos, sendo a primeira delas a ideia de 'pensar com a Natureza', isso se traduz na arquitetura da paisagem como o respeito às características e fluxos naturais, que são vistos como fundamentos essenciais e como infraestrutura base para o planejamento urbano.

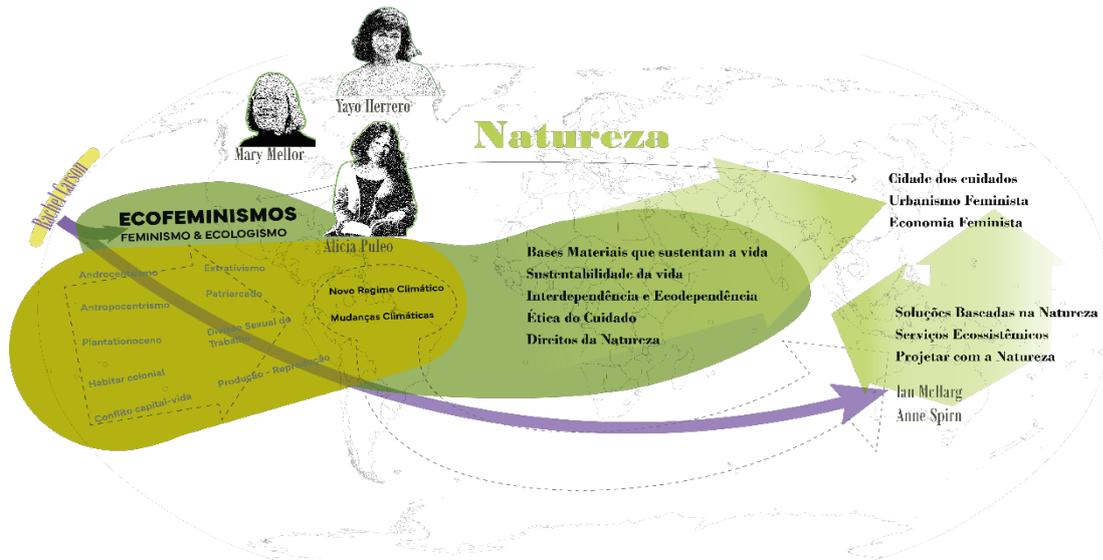
Além disso, ambos partem de uma crítica comum, que Vandana Shiva denomina de 'mau desenvolvimento', ilustrado pela substituição dos cultivos locais por monoculturas e pela destruição da flora e fauna para a realização de grandes obras de infraestrutura. Esses processos geram uma série de impactos ambientais, como inundações e desertificação (Puleo, 2011). Compreendendo esse contexto de 'mau desenvolvimento', surgiram inquietações sobre a direção que o planejamento urbano tomou, impulsionando, assim, algumas das referências que serão exploradas a seguir. Elas buscaram romper com o *status quo*, com o objetivo de qualificar a paisagem e reconectar a cidade à natureza.

Esse lugar comum cheio de complexibilidade, forma os temas que a arquitetura da paisagem discute e a partir de suas abordagens busca minimizar, manifestado no cenário de crise multidimensional, a arquitetura da paisagem surge especialmente na identificação de crise ecológica.

Ainda no século XIX, diante das problemáticas da cidade resultante da Revolução Industrial, no contexto estado unidense, Frederick Law Olmsted foi pioneiro e iniciou as profissões norte-americanas na arquitetura da paisagem e no planejamento urbano (Sordi, 2017) e buscou fazer a síntese entre ser humano e natureza.

Na década de sessenta Ian McHarg, arquiteto da paisagem, surge para desafiar o *status quo*, influenciado por trabalhos desenvolvidos em sua época na literatura ambiental, como “Primavera Silenciosa”, da bióloga Rachel Carson publicada no ano de 1962, que também é referência na construção da teoria ecofeminista (Figura 8). A Cassandra⁸ da crise ecológica, que advertia os perigos para a vida silvestre e para humanos da fumigação dos cultivos com DDT (Puleo, 2019).

Figura 8



Fonte: Elaborado pela autora

No prefácio da edição de aniversário de vinte e cinco anos do livro “Design with Nature, McHarg” cita a influência da obra “Primavera Silenciosa” na construção de seu trabalho (McHarg, 2000). Grande referência no campo, McHarg fundou o Programa de Planejamento Regional na Universidade da Pensilvânia e a partir do Departamento de Arquitetura da Paisagem surgiram inúmeras outras figuras importantes para a arquitetura da paisagem, com obras fundamentais para o campo, em especial Anne Whiston Spirn, com o livro Jardim de Granito de 1984, propondo uma síntese da arquitetura, da paisagem e da cidade (Sordi, 2017), nas palavras dela, é um livro sobre a natureza na cidade e que mostra como a cidade poderia ser se fosse projetada de acordo com os processos naturais (Spirn, 1995) e afirma que a cidade também é parte da natureza, neste ponto pode ser observado outra convergência com os ecofeminismos a partir de uma visão integradora com a natureza.

Spirn é a referência feminina que se destaca nesse recorte temporal entre as décadas de 70 e 80, isso evidencia a construção de papéis no campo da arquitetura⁹, que ressalta o gênero masculino, assim como a desproporcionalidade de referências na arquitetura da paisagem.

Os ecofeminismos são um pensamento e práxis comprometidos com a transformação social (Puleo, 2011) que reconhece a ecodependência e a interdependência. Segundo Herrero (2013) nós seres humanos obtemos o que precisamos para estar vivos da natureza, por isso somos ecodependentes. E dependemos de outros seres humanos, em algumas fases da vida, não poderíamos sobreviver sem outro ser humano, por isso somos interdependentes.

É um fato que a humanidade depende da natureza para garantir a sua sobrevivência, se observarmos um diagrama mostrando o metabolismo linear (figura 9), de entrada e saída de matéria das cidades em que vivemos, podemos entender que esses “recursos” são advindos de algum lugar, como o alimento, a matéria prima para produzir diferentes produtos utilizados pelo ser humano. E aí podemos observar a ecod dependência presente nos ecofeminismos evidente no campo da arquitetura da paisagem e do planejamento urbano.

Figura 9



Fonte: Elaborado pela autora

Até aqui, foi possível indicar algumas convergências entre os ecofeminismos e a arquitetura da paisagem, que estão em desenvolvimento na pesquisa para a dissertação. No decorrer da pesquisa pode ser observado que a história da arquitetura omitiu a presença de mulheres, que ao longo dos tempos foi consolidando, por meio de uma hegemonia masculina, as realidades arquitetônicas e urbanas. E baseada em uma história humana fundamentada com uma forma universal de dominação e como consequência se materializando na organização do espaço social e doméstico (Martínez, 2018).

Por esse motivo é fundamental pesquisar e ler mulheres dentro da área de interesse, neste caso, da arquitetura da paisagem, já que no contexto das várias disciplinas e áreas do conhecimento as mulheres vêm sendo invisibilizadas.

Com isso, frente ao fato que os ecofeminismos colocam em evidência as opressões e interrelações entre elas, como a forma desproporcional que a degradação da natureza afeta as mulheres, assim como a arquitetura da paisagem corrobora com esse fato, quando reconhece esse contexto de crise civilizatória, é relevante e necessário ir um passo adiante e considerar a perspectiva ecofeminista nas abordagens utilizadas no campo da paisagem.

Ademais, de indicar convergências, nesse ponto o intuito é mostrar algum contraponto, que mais é uma oportunidade para o entrelaçamento da arquitetura da paisagem e dos ecofeminismos. Das cidades como epicentro das questões climáticas, surgem as abordagens do projetar com a natureza, do urbanismo da paisagem, que foram pincelados anteriormente, maneiras de planejar a paisagem em harmonia com a natureza e tendo ela como a base das decisões, como inspiração, porém livre de rotulações.

Porém, recentemente as chamadas soluções baseadas na natureza (SbN) e os serviços ecossistêmicos (SE) são os métodos difundidos no campo da arquitetura e urbanismo, ainda

que nem sempre compreendidos na sua totalidade. Mesmo sendo de grande importância no pensar cidades que resgatam alguma relação com a natureza, ainda perpetuam a relação de natureza como recurso e subordinada ao ser humano e ao urbano, diferente das propostas anteriores que tentavam de alguma forma desenhar possibilidades de ir contra o status quo, buscando uma relação equilibrada entre ser humano e Natureza, e esse é o contraponto, explicado a seguir, com os ecofeminismos que justamente buscam romper essa hierarquia.

Os serviços ecossistêmicos (SE) (Monteiro, 2018) e as soluções baseadas na natureza (SbN) (Fraga & Sayago, 2020), buscam recuperar territórios degradados ou melhorar espaços de baixa qualidade ambiental, porém em um contexto de desenvolvimento para remediar os impactos de um sistema capitalista, sem tentar mudar esse sistema. Os SE, na sua definição são serviços que a Natureza presta para os seres humanos.

Além disso, percebe-se que essas duas abordagens, SE e SbN, estão atualmente sendo muitas vezes mencionadas e colocadas como as grandes soluções para os problemas urbanos. O que pode ser explicado pela influência das agências internacionais e organismos multilaterais, que impulsionam suas agendas, como exemplo a Nova Agenda Urbana da Organização das Nações Unidas (ONU) e a grande difusão de publicações e seminários sobre as Soluções Baseadas na Natureza pelo World Resources Institute (WRI), por serem instituições internacionais que prestam consultorias e fazem convênios com governos locais, influenciam as abordagens discutidas nessas gestões que pouca vezes se materializam no espaço urbano.

O raciocínio que conclui esta seção é a de que, apesar dessas abordagens estarem incorporadas às lógicas do capital, podem de alguma forma ser uma oportunidade para a conscientização das codependências, quando se cruzarem com a perspectiva ecofeminista, buscando uma relação equânime com a Natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi escrito com a intenção de mostrar a relevância de integrar a perspectiva ecofeminista no campo da paisagem, assim como o reconhecimento das contribuições femininas no campo. O trabalho de pesquisa que desencadeou este artigo seguirá com a etapa teórica e iniciará a etapa empírica buscando reunir contribuições de atuações diversas no recorte da América Latina, mais especificamente na região sul. Já que na construção da história existe uma historiografia predominante e faz-se necessário a contribuição para o campo a partir de experiências que refletem a complexidade latina. Essas atuações estão relacionadas diretamente com a paisagem e são, no seu significado mais amplo, consideradas ecofeministas.

Com a discussão apresentada neste artigo buscou-se também apresentar que é necessária uma transformação na maneira de pensar cidades para que contemplem espaços para a agricultura, ócio, a convivência com todos os seres vivos e o reconhecimento dos direitos da

Natureza (Gudynas, 2020) que são de suma importância para garantir a qualidade de vida nestes espaços urbanizados e fazer a transição para cidades que estão em harmonia com a Natureza e rompem a hierarquia andro-antropocêntrica.

Portanto, frente aos desafios e ações urgentes necessárias com o Novo Regime Climático (Latour, 2020), o ecofeminismo é importante para traçar estratégias fora da dinâmica do capital, justamente é o desenvolvimento que ele critica e busca criar outras realidades possíveis.

E ainda, considerar que, qualquer que seja a proposta para outras possibilidades de vida e cidade, que não sobrecarreguem a responsabilidade nas costas da diversidade de mulheres que são as principais cuidadoras da Natureza, e na qual a sociedade atribuiu os papéis de responsabilidade dos trabalhos reprodutivos, pelo contrário que estes papéis sejam reconhecidos para que se equilibrem as responsabilidades, mas mais ainda, que a partir deles seja pensada a transformação.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Agustina; BIZZOZERO, Federico. "Naturaleza, Feminismo y Agroecología. Los necesarios vínculos de lo inminente". **Naturaleza, Feminismo y Agroecología. Los necesarios vínculos de lo inminente**. Centro Ecológico, set. 2018, p. 1-15.

ARQUITECTURA HISTORIA Y CONSTRUCCIÓN. **Marco Vitruvio Pollio**. 2014 .Disponível em: https://hitarcon.blogspot.com/2014/03/marco-vitruvio-polion-marco-vitruvio_29.html. Acesso em: 28 de jun. de 2024.

CHINCHILLA, Izaskun. **La ciudad de los cuidados**. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2020.

COL.LECTIU PUNT 6.. **Urbanismo feminista: Por una transformación radical de los espacios de vida**. La Torre de Claramunt: Virus Editorial, 2019.

DAFNIAS, Colectivo Ecofeminista. **Feminismos, ecología y alternativos**. La Diaria, Uruguay, 04 jun. 2021. Disponível em: <https://ladiaria.com.uy/ambiente/articulo/2021/6/feminismos-ecologia-y-alternativas/>

DELBENE, Lucia. "Una mirada ecofeminista a la gestión del agua en Uruguay". **Las bases materiales que sostienen la vida**. Perspectivas ecofeministas, 2019, p. 47-97.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FRAGA, Raiza; SAYAGO Doris . "Soluções baseadas na Natureza: uma revisão sobre o conceito". **Parcerias Estratégicas**. jun 2020, p. 67-82.

GUDYNAS, Eduardo. **Direitos da Natureza: Ética Biocêntrica e Políticas Ambientais**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

HARAWAY, Donna. "Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes". **ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte**. abril 2016, p. 139-146.

HERRERO, Yayo. (2013). "Miradas ecofeministas para transitar a un mundo justo y sostenible". **Revista de Economía Crítica**. 2013, p. 278-307.

HERRERO, Yayo. (Junio de 2015). "Apuntes introductorios sobre Ecofeminismo". **Boletín de recursos de información**. Nº43, jun 2015, p. 1-11.

KOIS, Casadevante; MORÁN, Nerea. (2016). **Raíces en el asfalto**. Madrid: Libros en Acción, 2016.

KOIS, Casadevante; MORÁN, Nerea (20 de dezembro de 2017). "Ciudad y azada se escriben en femenino. Agricultura urbana, ecofeminismo y soberanía alimentaria en la ciudad". In: [TENDERO Guillem] **La ciudad agraria: Agricultura urbana y soberanía alimentaria**. Madrid: Icaria. Disponível em: <https://raicesyafalto.wordpress.com/2017/12/20/ciudad-y-azada-se-escriben-en-femenino-agricultura-urbana-ecofeminismo-y-soberania-alimentaria-en-la-ciudad/>

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno**. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu Editora/Ateliê de Humanidades, 2020.

LATOUR, Bruno. (2020). **Onde Aterrorar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LIMA, Gabriela. (2019). "Arquitetas na América Latina do século XX". **13º Seminário Docomomo Brasil**. Salvador, 2019, s.p.

MARTÍNEZ, Zaida. **Mujeres, casas y ciudades**. Más allá del umbral. Barcelona: Dpr-Barcelona, 2018.

MCHARG, Ian. **Proyectar con la naturaleza**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2000.

MELLOR, Mary. **Feminismo y ecología**. México D.F.: Siglo Veintiuno, 2020.

Monteiro, Mônica. **Serviços Ecosistêmicos e Planejamento Urbano: A Natureza a Favor do Desenvolvimento Sustentável das Cidades**. Curitiba: Editora e Livraria Appris, 2018.

OLIVEIRA, Duda. **Mulheres são as mais afetadas pela crise climática**. Brasil. 29 out 2021. Disponível em <https://midianinja.org/news/mulheres-sao-as-mais-afetadas-pela-crise-climatica/> Acesso em: 20 de janeiro de 2024.

PULEO, Alicia. **Ecofeminismo para otro mundo posible**. Madrid: Ediciones Cátedra. 2011.

PULEO, Alicia **Claves Ecofeministas**: Para rebeldes que aman a la Tierra y a los animales. Madrid: Plaza y Valdes, 2019.

SHIVA, Vandana. **Terra Viva**: minha vida em uma biodiversidade de movimentos. São Paulo: Boitempo, 2014.

SORDI, Jeannette. **Más Allá del Urbanismo, de paisaje a ecología**: genealogía de una teoría. Ocho Libros Editores SpA, 2017.

SPIRN, Anne. **O Jardim de Granito**. São Paulo: Edusp, 1995.

VERGÈS, Françoise. (2020). **Um Feminismo Decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WIKIPEDIA. **Cassandra**. 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cassandra>. Acesso em: 27 de jun. de 2024.

¹ O Plantationoceno permite reconhecer os fundamentos coloniais e escravistas da globalização que causam as crises socioecológicas atuais (Ferdinand, 2022) além disso, é uma alternativa ao termo tão difundido antropoceno que se mostra como uma homogeneização da forma de habitar a terra. O termo Plantationoceno foi proposto no seminário Ethnos na Universidade de Aarhus, por Donna Haraway e Anna Tsing (Haraway, 2016). Outra alternativa ao termo Antropoceno, é o Capitoloceno que põe em evidência que não são todos os humanos culpados igualmente pelas causas econômicas da atual crise, com desenvolvimento baseado em um sistema econômico fóssil.

² Françoise Vergès indica que o patriarcado nas suas diferentes expressões se mostra abertamente grosseiro, vulgar, brutal, racista, misógeno, homofóbico, e transfóbico em contraste com um patriarcado que diz respeitar os direitos das mulheres a depender de qual lugar do mundo se expressa (Vergès, 2020).

³ Androcentrismo – ponto de vista patriarcal que considera o homem e suas experiências como medida de todas as coisas (Puleo, 2019).

⁴ Antropocentrismo – crença de que somente humano tem valor, ideologia enraizada que deprecia os animais e ao resto da Natureza, (ibidem).

⁵ Para exemplificar algumas formas destes impactos que afetam desproporcionalmente as mulheres na sua diversidade de classe, etnia/raça, podemos citar a situação de mulheres do campo pobres que são responsáveis pelo trabalho reprodutivo, assim como os animais silvestres, quando têm seus rios contaminados pela fumigação de agrotóxicos da monocultura, pela exploração mineral, não podem ir a outro lugar comprar água engarrafada. Outro exemplo, a exposição aos xenoestrogênios presentes nos produtos do cotidiano, afetando e alterando a função normal dos hormônios e a masculinização do território quando se instalam empresas multinacionais extrativistas, que necessitam de uma série de serviços relacionados ao cuidado, aprofundando a divisão sexual do trabalho e a violência baseada no gênero.

⁶ O patriarcado ocidental tem como principal dinâmica os dualismos hierárquicos que se observam na divisão da sociedade, como: natureza-cultura, masculino-feminino, entre outros (Mellor, 2000).

⁷ Na década de 1970 no contexto estadunidense, a construção dos ecofeminismos estava organizada em duas correntes, que se correspondem as duas principais explicitadas no texto anteriormente, o feminismo radical/cultura/espiritual, que compreende que existe uma afinidade “natural” entre as mulheres e a natureza e a corrente com perspectiva política construcionista e radical mais socialista. Essas correntes divergem sobre as conexões entre mulheres e o mundo natural, a primeira como uma conexão elementar e a dominação masculina *per se*. Na segunda, a conexão com o mundo natural como uma construção social e a divisão de poder e do trabalho entre homens e mulheres como chave dos padrões de desenvolvimento (Mellor, 2000, p19).

⁸ Alicia Puleo (2019) aponta em seus livros que a teóloga Mary Daly considerava Rachel Carson como a Cassandra da crise ecológica – Cassandra da mitologia grega era uma profetisa que estava condenada a prever a desgraça e não ser acreditada (Wikipedia, 2024).

⁹ Ver All Malle Panel em Un Día Una Arquitecta. Disponível em: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/all-male-panel/>